

ANTUNES, Ângela. “Terra viva”. In: GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

Prefácio

Terra Viva

Antes de iniciar este prefácio sinto necessidade de confessar ao leitor que durante muito tempo carreguei comigo uma forte resistência a ler, escrever e falar sobre ecologia ou qualquer outro assunto relacionado a esse tema. Faltam-me saberes que me permitissem reconhecer sua importância. Os versos de Bertold Brecht - “que tempos são esses em que falar em árvores é quase um crime pois significa silenciar sobre tantas outras coisas” - traduziam com precisão meus sentimentos e convenciam-me de que havia preocupações mais urgentes.

Com o passar do tempo, fui revendo minha posição em relação a essa questão. As primeiras resistências venci pela conveniência com as crianças, em especial um irmão temporão, e depois com meus sobrinhos e sobrinhas. Eles reeducaram meu olhar. Com eles, voltei, depois de adulta, a prestar atenção no vento que leva as pipas para o alto, no sol que vai dormir atrás da montanha, na lua querendo habitar meus olhos, na “pequena flor que recebeu uma chuva enorme e se esforça para sustentar o oscilante cristal das gotas da seda frágil e preservar o perfume que aí dorme”, (Cecília Meireles), na água fresca e cristalina que sai da fonte... Eu havia me esquecido da importância dessa beleza, o lixo das ruas, o esgoto a céu aberto, o céu cinzento da cidade de São Paulo, os intermináveis engarrafamentos, as favelas, as filas nos postos de saúde dos bairros da periferia, os ônibus e trens lotados, o “olhar indiferente de quem passa pelo jardim (Mário Quintana) começaram a ganhar nova dimensão em minha vida.

Paralelamente à vivência desse processo, descobri no meu trabalho no Instituto Paulo Freire que o autor deste livro não tinha a mesma aversão pelo tema. Veio entusiasmado falar-me sobre a necessidade de nos prepararmos para uma grande conferência sobre a *Carta da Terra*, que se realizaria em 1999. Estávamos no ano de 1994. Apesar de estar revendo algumas certezas em relação a essa questão, minha primeira reação à proposta foi de desdém, descrença e desconfiança: *Carta da Terra*?! Mas e a Declaração dos Direitos do Homem? Somos quase seus bilhões a habitar a Terra. Vinte e cinco por cento da população total abaixo do nível de pobreza. Um bilhão de pessoas são analfabetas, 800 milhões sofrem de desnutrição crônica... Não conseguimos nem respeitar os direitos do homem, como pensar na terra, nas plantas, nos animais? E como pensar numa atividade que só acontecerá daqui 5 anos?! Para que planejar com tanto tempo de antecedência? Vamos deixar mais para frente, afinal de contas tanta coisa pode “rolar” até lá, né?

Não era. Não era uma simples conferência. Era um movimento. Um movimento em rede,

cujo número de nós era infinito. Uma rede em permanente tecitura. Que tinha como um de seus resultados um documento intitulado “Carta da Terra”. Mas, mais do que isso, ela seria a vivência de novos valores, de novas atitudes, de um novo olhar e agir sobre o planeta novos valores, de novas atitudes, de um novo olhar e agir sobre o planeta Terra. E, obviamente, o ser humano não estava excluído. E o tempo não era longo demais. E não se tratava apenas de terra, planta, animais. Ele me falava do planeta Terra. De tudo que nele há. Dos diferentes tipos de vegetação, de clima, de valores, crenças, mitos, ritos, de políticas econômicas, educacionais, de buscas para solucionar problemas comuns em países tão distantes geograficamente e tão próximos nas misérias e necessidades. Falava-me das políticas ambientais do Primeiro Mundo, que adotam medidas de preservação da natureza em seus países descarregando lixo nos portos do Terceiro Mundo. Dos habitantes desse planeta em sua luta pela construção de um mundo melhor. Que a dor da exploração que as crianças do Brasil, submetidas a trabalho escravo, sentem é irmã da dor que sentem as crianças nas Filipinas. Que a discriminação dói em seres humanos que dela são vítimas, seja lá qual for a parte do planeta chamado Terra em que eles estiverem. Falava-me das necessidades artificiais que se criam no norte do mundo para entregar “sob encomenda” no sul, confundindo qualidade de vida com quantidade de coisas compradas. Falava “da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária, a rosa radioativa, estúpida e inválida” (Vinícius de Moraes), que, lançada a tantos quilômetros de distância de nós, tornou-nos próximos na vergonha, na indignação, na revolta e na certeza de que não desejamos experiência semelhante sobre o planeta. Lembrou-me de que somos um povo que criou a tarantela, o maracatu, o flamenco, Guernica, Retirantes, Criança Morta, Monalisa, Pietá, o Pensador, Jesus, Alegria dos Homens, a Nona Sinfonia etc. Sabemos dançar, pintar escupir, cantar, tocar, fotografar... Pela primeira vez senti a Terra viva, única. Pela primeira vez pensei numa única nação e num único povo. Comecei a me reconhecer cidadã de um planeta.

Na escola, eu tinha visto uma Terra tão diferente. Aprendemos que é um dos nove planetas que giram em torno do Sol e que é uma grande esfera rochosa. Após a primeira viagem a redor desta esfera pelos astronautas, aprendemos que ela parece azul porque os oceanos, mares e lagos ocupam sete décimos da sua superfície e que está coberta de redemoinhos brancos que são nuvens e que podem formar os chamados furacões. O planeta normalmente parece manso. Em sua superfície existem lindas paisagens, umas regiões são mais quentes que as outras. Em muitos lugares, sobretudo nos terrenos elevados, com montanhas e vulcões, pode nevar. As nuvens levam e trazem chuva. Existem lindas florestas, savanas e pradarias. A maioria das pessoas vive nas planícies, principalmente nas mais férteis. O homem transformou essa paisagem construindo enormes conglomerados de casas e edifícios – as cidades – e aprendem a cultivar o solo e construir estradas. Pelo que sabemos, é o único planeta em que existe vida. O seu interior é muito quente e seu solo é rico em minerais e vegetais. Os mares e oceanos ocupam a maior parte do território, seus rios abrem

caminho suavemente pela sua superfície, cavando seu leito, formando lagos e cachoeiras, fluindo para o mar. Os homens e as mulheres que habitam esse planeta são um sucesso. Construíram máquinas de todos os tipos para a terra, a água e o ar.

Pouco me falaram de como a Terra foi dominada, submetida, escravizada, dividida em países com imensas e terríveis fronteiras. Não me falaram de um planeta despedaçado, mutilado, estéril pela lógica de um sistema de produção que não vê a natureza como parte de nós e que pouco se preocupa com sua destruição, cuidando apenas para que o paraíso daqueles que a comandam esteja garantido, como se, no limite, fosse possível.

Estudei a Terra como se estivesse dissecando uma barata. Conheci suas camadas, suas origens, suas características. Não me explicaram a relação entre as precárias condições de vida e a política econômica, industrial, ambiental. Isentaram-me de qualquer responsabilidade quanto ao esgoto a céu aberto, quanto ao lixo espalhado pelas ruas perto de casa e da escola, quanto às inúmeras transportadoras que foram se instalando no bairro onde eu vivia, com seus galpões enormes, construídos à custa da destruição de grandes áreas verdes etc. Nunca tive na escola a oportunidade de plantar uma árvore, de colher os legumes de uma horta, de chupar deliciosamente uma manga colhida no jardim da escola, de observar atentamente a beleza da joaninha. Ouvi, escrevi. Pouco senti. Vivenciei menos ainda.

Neste livro, os leitores viajarão por uma Terra desconhecida, ainda criança, dando seus primeiros passos para a busca de uma vida saudável. Moacir Gadotti viaja com a mente de um filósofo e o coração de um poeta. Aos poucos, nós, leitores, vamos compreendendo a dimensão da palavra “glocal”: local, mas não isolado do global. Vamos nos reconhecendo cidadãos planetários que, mais do que direitos do homem, querem os direitos da Terra, garantindo a vida digna de todos os habitantes deste planeta. Vamos mergulhando nas implicações educacionais desse novo olhar para o planeta Terra.

O autor aprofunda suas teses, apresentadas inicialmente em seu livro *Perspectivas atuais da educação*, sobre ecopedagogia e educação sustentável, que hoje eme chama de *Pedagogia da Terra*. Retoma a discussão e organiza de forma sistemática, clara e didática uma série de temas: transdisciplinaridade, sustentabilidade, ética, cidadania planetária, globalização etc. Discute a relação entre educação ambiental e a ecopedagogia, além de falar da Carta da Terra como código de ética planetário e na Agenda 21. Adverte-nos, ainda, de que não há nenhuma possibilidade de um desenvolvimento sustentável numa sociedade capitalista. O sonho de um capitalismo ecológico é insustentável. Ele critica o modelo atual de globalismo, a visão e a prática capitalista da globalização, e reforça a necessidade de ecologizar a economia.

Inspirado, entre outros, por Fernando Pessoa, que afirma “sou do tamanho do que vejo”, o autor procura educar o olhar em direção a uma consciência planetária, com base nas práticas de uma

sociedade sustentável e de uma cidade sustentável.

Como afirma Leonardo Boff, a Terra é o maior de todos os pobres. Ela é oprimida por um modo de produção não só explorador da força de trabalho, mas também aniquilador, destruidor da natureza, exaurindo todos os seus recursos. A ecopedagogia, para o Instituto Paulo Freire, só tem sentido como parte da *pedagogia do oprimido* (Paulo Freire) que desejamos ver reinventada.

Moacir Gadotti revela a Terra como novo paradigma - a Terra vista como uma única comunidade – para reorientar a prática pedagógica. Como o autor é filósofo da educação, o livro aborda categorias e conceitos filosóficos-pedagógicos, oferecendo inúmeros exemplos concretos de experiências que os incorporam, sugestões de leitura, bem como questões elaboradas por Gustavo Cherubine e Natália Bernal para reflexão e aprofundamento dos temas.

Passados seis anos no Instituto Paulo Freire, estou aqui aceitando o desafio de fazer este prefácio. O I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação - tão distante em 1994 – foi realizado em agosto de 1999 e contou com a participação de 23 países, trazendo suas contribuições e selando o compromisso dessa busca coletiva e planetária por uma terra sustentável. Hoje consigo ver a Terra como organismo vivo e em evolução e não dissocio a emancipação do ser humano da luta por um planeta sustentável.

Está lançado o convite a esta leitura. Aos que aceitarem, terão a oportunidade de fazer uma densa e enriquecedora reflexão sobre as teses do autor em torno da ecopedagogia. Por vezes, desfrutarão de pequenas felicidades proporcionadas pela delicadeza e profundidade com que o autor aborda os temas. Em vários momentos fui tocada pela emoção. A emoção que só os poetas nos proporcionam. Lembrei-me de um texto da Cecília Meireles, minha autora preferida, em que ela, falando da “arte de ser feliz”, conta: “Houve um tempo em que minha janela se abria para uma cidade que parecia ser feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma regra: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz. Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para a escola. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. [...] E eu me sinto completamente feliz. Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim”.

Moacir Gadotti, com sensibilidade e competência, orienta-nos a olhar na perspectiva da

ecopedagogia, ensinando-nos, entre outros saberes, que, da janela do quintal, podemos ver o mundo.

Ângela Antunes

Diretora técnico-pedagógica do Instituto Paulo Freire